

7 novelas + 1 romance = ∞ uma literatura infinita

Cleusa Rios P. Passos*

Márcia Marques de Moraes**

Fiéis à chamada para a submissão de textos críticos – artigos ou ensaios – para publicação na Revista *Scripta*, edição 67, que pretende comemorar os 70 anos da publicação das sete “novelas” de *Corpo de baile* e do romance *Grande sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa, apresentamos aqui o resultado dessa homenagem.

Desculpamo-nos por certo atraso desta publicação, que se pretendia para o finalzinho de 2025, para que a homenagem se fizesse no iníciozinho do ano do “septuagenário”, considerando, de modo bem preciso, a publicação de *Corpo de baile*, no dia 29 de fevereiro de 1956, e a de *Grande sertão: veredas*, em 16 de julho do mesmo ano. O autor já publicara, em 1946, o seu *Sagarana*, que, portanto, estaria também soprando velinhas “redondas” – oitenta... Mas a ênfase às duas publicações de 1956 também objetiva chamar a atenção para a publicação, em um mesmo ano, com diferença de poucos meses, de em torno de 1.400 páginas, considerando-se a paginação das primeiras edições, o que, de certa forma, constitui também um fenômeno literário, como tantos outros protagonizados por Guimarães Rosa. Esse atraso, no entanto, merece uma explicação: o número de submissões de textos críticos ultrapassou a expectativa dos editores – foram 47

* Professora titular do Departamento de Teoria literária e literatura comparada da FFLCH/USP. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6033-3112>.

** Professora adjunta do Departamento de Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais/PUC Minas. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3952-2829>.

(quarenta e sete) propostas – e, portanto, houve a necessidade de mobilização de grande número de estudiosos e pesquisadores da obra rosiana que nos ajudassem com suas leituras e pareceres, a quem já agradecemos. Portanto, selecionar em torno de 1/3 das submissões, mais ou menos 15 (quinze) textos, para manter os padrões costumeiros de publicação da *Scripta*, foi também um trabalho demorado, pois criterioso, e “obrigou” a Editoria a ampliar para 20 (vinte) o número dos artigos/ensaios a serem publicados. Essa acolhida de um número maior de trabalhos também considerou a tradição da PUC Minas em relação aos estudos sobre o escritor mineiro.

A *Scripta* já conta, em suas publicações anteriores, com três edições em homenagem a Guimarães Rosa, resultantes dos memoráveis Congressos Internacionais Guimarães Rosa, realizados nos anos de 1997, 2001 e 2004; e com três publicações do “Veredas de Rosa”, de 2000, 2003 e 2007, que, volumosas, contêm todas as produções dos Seminários. Há que se registrar, também, a importância dessas revistas para críticos, estudiosos e pesquisadores da obra rosiana, considerando o volume de citações de tais publicações em dissertações, teses e livros nacionais e internacionais. Para além dessas *Scripta* “comemorativas”, houve ainda outras, mais esparsas, em dossiês que permitiam textos em diálogo com outras literaturas/outras autores. Com alegria registramos também a presença de, em torno de 6 (seis) autores que retornam, nesta *Scripta* 67, à crítica rosiana, já nos tendo brindado, no passado e mais de uma vez, com seus instigantes ensaios/artigos...

Apresentadas nossas desculpas, é momento também de agradecer a quantos acorreram à chamada desta nossa *Scripta* 67.

Solicitávamos, na chamada, textos críticos que fizessem dialogar leituras contemporâneas da obra de Rosa – sugerindo vieses de leitura que contemplassem, por exemplo, a inclusão e a diversidade, a ecocrítica, a literatura *queer*, a intersemiose ou a interartes, entre muitas outras – com produções mais “canônicas” que, afinal, constituem a espinha dorsal da fortuna crítica de Guimarães Rosa. Essa proposta de diálogo entre a tradição e a inovação, além de ser do agrado de nosso Rosa (supomos), para quem “esse mundo é muito misturado” e “tudo é e não é”, considera que leituras do texto literário estão, inequivocamente, vinculadas ao contexto da recepção, considerando, ainda, que a literatura é, em grande parte, *mimesis* da sociedade.

Se um “clássico” é um livro que não cessa de dizer, conforme Calvino, como não ler o “clássico rosiano” como livro de travessias também históricas, sociais, ideológicas; travessias de (em) um “admirável mundo novo”?

É chegada a hora de outras novas leituras; de uma “outra velha nova estória”, parafraseando “Fita verde no cabelo” (*Estas estórias*), possibilitadas e acolhidas por outras leituras já feitas e circulantes que, de certa forma, se fazem sobre um caminho palmilhado. A *Scripta* 67 quer muito ser o veículo, o suporte desse diálogo entre leituras críticas. E, assim, parece-nos, foi feito. Agora é contar com a avaliação de seus leitores.

Como se prometeu também, este número organizaria as leituras em três eixos de abordagem: o eixo das novelas de *Corpo de baile*; o eixo dedicado a *Grande sertão: veredas*; e um terceiro, com outras produções rosianas que dialogassem com as obras que fazem 70 anos. Registre-se que este terceiro eixo previsto não se materializou, principalmente porque os textos enviados, em quantidade já surpreendente, como se frisou,

tinham bem definidos seus objetos de leitura – ou as novelas ou o romance –, e um ou outro texto que propunha o diálogo pretendido não se ateve à conversa “estética” com as novelas e/ou o romance.

Nesse sentido, a 1ª parte da Revista acolhe leituras das novelas de *Corpo de baile*, e a 2ª parte é dedicada ao *Grande sertão: veredas*.

Na seção dedicada a *Corpo de baile*, vamos encontrar artigos/ensaios que se atêm a temas consagrados pela crítica, dando-lhes uma dicção mais contemporânea; textos que tratam do “homem humano” em sua condição de sujeito desejoso, o que promove a saudável mistura de saberes clássicos e vivências contemporâneas; e, ainda, outros cujas leituras de *Corpo de baile* estão bem calcadas em questões muito caras à nossa contemporaneidade, tais como a sustentabilidade, a ancestralidade e o etarismo, na pauta sempre das misturas do mundo e dos paradoxos, tão caros a Guimarães Rosa.

Anunciemos cada um dos 4 (quatro) ensaios que se dedicam a *Corpo de baile*.

O ensaio “*Corpo de baile*: desejos e amores na madurez”, de Cleusa Rios P. Passos, vai se ater a desejos/amores vividos na maturidade. Essa proposta, já de início, incita o leitor a percorrer um tema candente na nossa contemporaneidade. A madurez ou, sem eufemismo, a velhice tem sido bem maltratada na sociedade, merecendo até a nomeação de um preconceito – o etarismo. Quão bem-vindo é, pois, esse texto que, lendo quatro novelas de *Corpo de baile* (“Uma estória de amor”; “Buriti”; “A estória de Lélío e Lina” e “Cara-de-Bronze”), aborda essa questão ancorando-se no saber psicanalítico, nomeadamente em Freud e Lacan, e colocando em pauta o desejo, tão denegado, subjetiva e socialmente, em relação aos que têm vivido mais.

“O brejo das delícias terrenas”, de Edinael Sanches Rocha, centra-se no “Brejo de umbigo”, presente em *Corpo de Baile*, para perceber a descrição da natureza, constituída quase como uma personagem, ao lado de imagens sugestivas de certa eroticidade peculiar aos seres ficcionais, sugerindo diversas camadas de significação e ampliando a riqueza da leitura tanto pela análise estilística quanto pelas relações estabelecidas com diferentes fontes.

Em “Entre o Mutum e o Buriti Bom: Miguilim em travessia”, Mayara de Andrade Calqui propõe uma leitura do ciclo *Corpo de baile*, perseguindo o trânsito das personagens entre os 7 (sete) textos, detendo-se especialmente no percurso de Miguilim, figura central de “Campo geral”, e em seu retorno como Miguel em “Buriti”. Tal enfoque revela uma das dinâmicas do conjunto do ciclo a partir dos deslocamentos de seus seres pelo sertão, compreendido também como espaço simbólico no qual afloram vários vínculos afetivos.

Enfocando ainda o mesmo texto de *Corpo de baile*, Michel Riaudel escreve o artigo “Beleza geral. Uma leitura de *Campo Geral*”, no qual trata de uma das singularidades da elaboração ficcional de Rosa, destacando que a narrativa concebe a terceira pessoa tensionada pela primeira pessoa. A esse recurso agrega-se a articulação, também singular, entre o dramático e o reflexivo, e tais aspectos assinalam o lugar fundamental da beleza e da alegria atuantes em “Miguilim”, conduzido, ao longo do enredo, pela presença dos pássaros.

Na seção dedicada ao romance rosiano, vamos encontrar artigos/ensaios críticos que, sim, recuperam o que já foi consagrado pela crítica mais “ortodoxa”, contextualizando-o na nossa contemporaneidade, ou aludem a questões candentes

destas primeiras décadas do século XXI, como os saberes relativos à cognição humana, à ecocrítica, às reflexões sobre decolonização e à literatura *queer*. Tais textos repensam direções de leitura que, com respeito ao que já foi lido e registrado na fortuna crítica de Guimarães Rosa, projetam outras direções de leitura no diálogo com a tradição, enfatizando, mais ainda, a possibilidade de circulação da literatura de Rosa em mais uma tradução (*stricto* e *lato sensu*) e mesmo por meio de estratégias que “democratizam” o texto rosiano, tido, frequentemente, como uma leitura complexa...

São 16 (dezesesseis) os textos dedicados ao romance *Grande sertão: veredas*.

“O Mal e o Bem em *Grande sertão: veredas* – Aproximações” é de autoria de Adélia Bezerra de Menezes. Se o título do artigo pode, equivocadamente, sugerir questões do “Grande sertão” já merecedoras de muitas considerações, vamos reencontrá-las, tratadas de modo inovador, solicitando do leitor muitas outras reflexões. Aludindo a “romance mitomórfico”, conforme Benedito Nunes, o texto vai tratar do Bem/Deus e do Mal/Diabo, na pauta da reversibilidade e da ambiguidade, dando realce à figura do paradoxo, tão cara ao escritor Guimarães Rosa. Merece realce, no texto crítico da autora, a análise cerrada da cena do pacto, em que a “contradição” corrente, Deus/Diabo, enuncia-se, estilisticamente para o leitor, contestando o aparente objetivo que leva Riobaldo ao pacto e que se lê nos enunciados do texto do romance. Para trilhar esse caminho, que sugere uma nova leitura do pacto, a autora do artigo vai fundo: vale-se tanto da filosofia hegeliana quanto da Cabala de Isaac Luria e, ainda, recorre à filósofa Simone Weil. Não para aí a leitura analítico-interpretativa – o texto nos traz ainda Quelemém, para

quem comparar e vender são “ações quase iguais”, ecoando “etimologicamente” o indo-europeu, conforme se lê em Bakhtin. Como se nota, Bem e Mal/Deus e Diabo no “Grande sertão”, sob uma nova perspectiva, é leitura bastante instigante.

O ensaio “Espécies companheiras: uma leitura da poética de Guimarães Rosa à luz da ecocrítica e dos estudos animais”, escrito por Angela Guida e Gleidson André Pereira de Melo, busca adentrar o espaço crítico que, desde as primeiras décadas do século XXI, se volta para questões relativas à preservação do planeta e seus rumos diante de possíveis desastres ambientais. Nesse sentido, o artigo se apoia teoricamente na ecocrítica como um dos olhares fundamentais para a leitura da obra rosiana.

Na esteira dos estudos sobre os amores do narrador de *Grande sertão: veredas*, entre os quais se destaca o capítulo “O amor na obra de Guimarães Rosa”, de Benedito Nunes, publicado no volume *Fortuna crítica: Guimarães Rosa*, organizado por Eduardo Faria Coutinho, o artigo de Claudia Campos Soares revisita afetos do narrador do romance: Diadorim e Otacília. “Revisitando dois amores de Riobaldo” é um artigo que também estabelece uma comparação – entre o amor proscrito e o amor acolhido socialmente. Nessa revisita, a autora examina o efeito desses amores na trajetória de Riobaldo. Os conflitos são identificados como tensão entre duas espécies de amor – o amor-paixão, dos deslimes, e o amor do “equilíbrio”. Perceber a função de cada um deles na travessia do narrador – seriam antagonônicos, complementares, dependentes um do outro, considerando, com Riobaldo, as misturas do mundo? A conferir

O artigo “Epicidade rosiana e a questão romântico-idealista de uma nova mitologia: senso de épico e vontade de individuação”, de Constantino Luz de Medeiros e Lucas

Branco de Araújo Motta, reaviva os estudos sobre a questão do gênero literário no romance de Guimarães Rosa e traz, de novo, reflexões sobre as misturas e sobre o hibridismo dos gêneros e formas literárias, que, quem sabe, sejam estratégias autorais para encenar a própria escrita do romance. O artigo percorre a fortuna crítica rosiana, enfatiza o sertão como espaço mitopoético em que se tensionam “herança heroica” e “fragmentação subjetiva” e, por essa vertente, aponta a figuração das “contradições do sujeito moderno”, instigando-nos, leitores, a lidar com ainda outra singularidade de *Grande sertão: veredas*.

“O teatro da consciência de Riobaldo: uma análise semiótico-cognitiva em *Grande sertão: veredas*”, de Dênia Moreira Andrade, persegue o fluxo da consciência de Riobaldo, visualizando, em particular, a encenação de seu amor por Diadorim e sustentando-se teoricamente em questões textuais, na Semiótica Cognitiva e na Fenomenologia, para explorar, entre vários traços, a subjetividade do narrador e sua busca de sentido. O artigo vale-se de leitura cerrada, analítico-interpretativa, de recortes cirúrgicos de cenas amorosas, feitos com muito esmero e competência, na “encenação” narrada por Riobaldo, o que instiga muito o leitor do romance rosiano.

Por sua vez, Erich Soares Nogueira compõe “Guimarães Rosa e o canto das sereias”, valendo-se do mito de tais seres e da sedução de seu canto, semelhante ao que se encontra na *Odisseia*, de Homero. Aí, Nogueira aponta três diferentes modulações vocais, articulando-as à linguagem poética e ao ato de narrar rosiano, e escolhendo, entre outras personagens, Diadorim e Lina. Sustenta, em sua proposta, reflexões do psicanalista Hervé Bentata, igualmente preocupado com o universo grego, sem se esquecer das considerações de pensadores distintos, tais

como Maurice Blanchot, Jeanne Marie Gagnebin e Adorno e Horkheimer, em sua abordagem crítica

No âmbito da recepção do romance, em sentido mais estrito, temos o artigo de Fabrício Lemos da Costa, “A recepção de *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, no *Jornal do Brasil*”. O interesse dessa proposta está também no exame da “primeira” recepção do texto que, lançado em junho de 1956, foi objeto de matéria jornalística. O artigo examina matérias dos anos de 1956 e 1957, realçando, a um tempo, o estranhamento e o entusiasmo pela obra. O artigo debruça-se, com originalidade, sobre as primeiras leituras, perscrutando “imagens não humanas” utilizadas nas matérias, com destaque para “frutos selvagens e águas bravias” e, em síntese, para “o indomesticado da ficção rosiana”. A opção por essa trilha de leitura parece ter encontrado guarida na crítica de Silviano Santiago. A questão da domesticação e da selvageria é, ainda, assunto instigante na contemporaneidade, contida no que se denomina “nicho ecológico”.

The devil to pay in the backlands, perspectivas sobre o *Grande sertão: veredas* anglófono e alguns de seus efeitos sobre o ensino de tradução”, de Gilberto Alves Araújo, Gizélia Maria da Silva Freitas e Eliene Rodrigues Sousa, vai tratar, em muito boa hora, da tradução para a língua inglesa do romance rosiano. O momento nos parece propício, porque estamos às vésperas do lançamento de uma nova tradução de *Grande sertão: veredas* para a língua inglesa, de autoria de Alison Entrekin, prometida para o próximo ano, 2027, e que nos chegará depois de um longo processo (tradutório e, acrescente-se, criativo) que, de certo modo, a comunidade “rosiana” pôde acompanhar, por generosidade mesmo da tradutora. No entanto, o presente artigo

se deterá na primeira tradução para o inglês do romance, a que se encontra disponível e que data de 1963. Tida e havida como uma tradução problemática, mas a possível, considerando-se o contexto de sua produção, a versão em inglês é examinada pelos autores de modo crítico, “à luz de teorias de destaque na tradução literária”. Com essa condução, o estudo da tradução tem caráter qualitativo e destaca 10 (dez) excertos do romance, cotejando-os com suas versões traduzidas. Debruça-se, ainda, sobre estratégias de domesticação, omissão e modulação, diante do que conclui por perdas de ritmo, ambiguidade e densidade simbólica, aspectos que, ainda que intuitivamente, para quem não domina a “arte” da tradução, soam como perdas irreparáveis para qualquer texto literário e, sobretudo, para a escrita rosiana, em que se destaca, apenas a título de exemplo, o ritmo como “protagonista” indispensável à linguagem rosiana ou ao que já se nomeou “a língua de Rosa”. Frise-se que o artigo apresenta, ainda, outro ponto relevante, a saber, “falhas produtivas”, que, uma vez detectadas, podem “ser exploradas pedagogicamente” na formação de tradutores literários.

“Carece de ter muita coragem...”: uma travessia afro-indígena e galega em *Grande sertão: veredas*”, de Henrique Rodrigues Leroy, traz a leitura de um episódio desse romance por meio dos estudos translíngues e decoloniais, que visam sublinhar exemplos de uma contralíngua, com o intento de contribuir para a desnaturalização e a desconstrução das colonialidades das linguagens. Apoia-se, ainda, em dicionários das línguas banto, iorubá, tupi e galega, bem como em aspectos oriundos da antropologia e em reflexões sobre a diversidade linguística presente no texto rosiano.

“Mulheres travestidas: um percurso comparativo entre Diadorim, de *Grande sertão: veredas*, e *As mulheres no parlamento*, de Aristófanes”, de Jean-Paul Giusti, Edinaura Linhares Ferreira Lima e Marcelle Pereira Santos, apresenta um texto que também trata de “gênero”, com o olhar voltado para duas acepções: a de gênero literário – romance brasileiro e comédia grega – e a da problematização de gênero, pelo viés da crítica *queer*, mirando duas personagens travestidas: Diadorim, personagem do sertão, e as personagens atenienses. Essa comparação, que considera tempos e espaços diversos e sujeitos ficcionais que se encontram no/pelo travestimento, motiva-nos à leitura do ensaio e, de novo, nesta *Scripta* 67, apresenta o diálogo entre tradição e modernidade/contemporaneidade.

Ainda Diadorim... E não poderia ser diferente – essa personagem instigante e extraordinária da literatura brasileira é insistente: ela insiste, e nós, leitores, também insistimos... Até porque o ensaio de Leandro Bessa, intitulado “Diadorim: imagem fantasmática em *Grande sertão: veredas*”, já traz no título a insistência, o fantasma. Diadorim é figura em que se entrelaçam, tensionados, temas como amor e morte. Essa personagem, a um tempo “fascinante” e “inquietante”, no texto crítico que se nos apresenta, é lida como “figura espectral que assombra a memória e o discurso de Riobaldo”. Lidar com Diadorim como figura fantasmática instiga e desafia o leitor de *Grande sertão: veredas*, abrindo sendas para a manifestação desse que é, nas palavras de Riobaldo, “um Diadorim assim meio singular, por fantasma”. No veio da psicanálise, o texto lê, na fala e no tom de Riobaldo, um discurso melancólico, em virtude desse assombramento... Assim, o ensaio contribui para uma leitura analítico-interpretativa que comprova a atualidade literária do escritor Guimarães Rosa,

com ênfase na indeterminação da figura/imagem enigmática de Diadorim, e abre possibilidades para leituras do romance na esteira da teoria *queer* e dos estudos de gênero.

“‘O senhor escute, me escute mais do que eu estou dizendo’: o *Grande sertão: veredas* como um espaço de escuta”, ensaio escrito por quatro pesquisadores, a saber, Luiza Milano, Gibran Ayub, Augusto Stevanin e Ramiro Machado, realiza uma leitura do romance de Rosa por meio de suas marcas fônicas e de suas combinações, ressaltando que a obra é um espaço de escuta, no qual, além do interlocutor de Riobaldo, também o leitor se revela como “escutador”, assumindo papel ativo na construção dos sentidos da narrativa.

Outro artigo sobre *Grande sertão: veredas* terá como título também um provérbio, uma “forma simples” que se desdobra: “‘A colheita é comum mas o capinar é sozinho’: microrrelatos ecumênicos e oralitura meeira em *Grande sertão: veredas*”, de Marcelo Marinho e Elizabete da Conceição Vieira. O texto se vale da metáfora “omelete ecumênico” como fio condutor da leitura do romance em duas dimensões – a universal e a espiritual –, duas categorias não necessariamente dicotômicas, mas complementares, como se dá sempre no “mundo misturado” de Riobaldo. Tal mundo misturado se encontra igualmente nas referências a religiões e a seu sincretismo. O texto se propõe, ainda, a trabalhar com o conceito de oralitura, reconhecendo no narrador sua condição de bardo/rapsodo que acolhe, em seu contar, “elementos simbólicos de um ‘ser-tão’ ecumênico”, um espaço mítico de interação entre o sagrado e o profano. O artigo, portanto, objetiva enfocar, analiticamente, a questão da religiosidade, um dos grandes “tormentos” de Riobaldo, que, agora, no ócio, “devaneia” e busca o “quem das coisas”.

“Narrar e (r)existir: uma forma de ser no sertão. As narrativas sertanejas e o romance *Grande sertão: veredas*” é de autoria de Rosa Amélia Pereira da Silva e André Fernandes Rodrigues Pereira. O título, extenso, dá conta de anunciar o que o ensaio pretende: narrar e resistir no sertão como “dois lados de uma mesma viagem”. Partindo, parece-nos, da constatação, pela linguística cognitiva, de que “a mente é narrativa”, há uma aposta, também, em outro significado para resistir, o que se assinala no jogo gráfico – (r)existir, em que o existir, o viver se faz presente. O leitor, então, é motivado a ler o resultado de uma pesquisa com narradores do sertão mineiro que, analogamente a Riobaldo, que conta causos de experiências que viveu e outros que resultaram da escuta atenta, recriam “a própria existência e [permanecem] existindo como comunidade narradora do sertão”.

“O ‘causo’ de Ornelas em *Grande sertão: veredas*”, de Suely Corvacho e Renato de Araújo Cruz, é artigo que recorta um dos muitos casos que Riobaldo reconta por tê-lo escutado de outrem e que, ao lado de outros que narram sua própria vivência, constituem matéria de sua narração. Riobaldo assume, assim, a figura benjaminiana do narrador da experiência, aquele que, oralmente, transmite a um senhor que os escreve, um “escritor”, aquilo que, quem sabe, é/será matéria de romance. Essa estratégia rosiana, “operação de alta estética”, conforme Antonio Candido, e/ou “esquema técnico”, segundo Davi Arrigucci Júnior, além de potencializar múltiplas leituras, insiste no caráter metapoético do romance, desafiando leitores. Nesse sentido, o caso do fazendeiro Ornelas traz um mote que faz pensar: “Um outro pode ser a gente; mas a gente não pode ser um outro, nem convém...”, com reticências, vindo a constituir mais uma “forma simples”, na terminologia de Jolles – um provérbio? Esse ditado e tantos

outros, criados e/ou recriados, constituem formas narrativas que alimentam a grande narrativa épica que é o romance. O artigo em questão inova ao partir de conceitos psicanalíticos de Freud *et al.* para interpretar a sentença da historieta ouvida na Barbaranha. O texto prossegue expondo a ideia segundo a qual, nos diversos recontos do “causo” a interlocutores distintos, Riobaldo [criaria] “uma *mise en abyme* enunciativa”, que se reconfiguraria em cada enunciação. Esse causo é metaforizado como um “brasão” – imagem fulcral da *mise en abyme*. Nessa direção, o caso-brasão – “sintetiz[aria] elementos do romance, enquanto aponta[ria] para dimensões que ultrapassam seus próprios contornos”. O leitor é desafiado a encontrar, nessa imagem-síntese, muitos veios analíticos...

“Com perspectiva ampla, Willi Bolle compõe “*Grande sertão: veredas* – Uma síntese”, intentando discutir inúmeros aspectos da construção do romance, dentre eles o enredo, a relação da obra com a tradição dos retratos do Brasil, a apresentação do Sertão como forma de pensamento, o sistema jagunço, o pacto do protagonista Riobaldo com o Diabo, o amor entre Riobaldo e Diadorim etc. Além disso, o crítico revela pontos da topografia e da geografia textual e não ignora a reinvenção da linguagem por Guimarães Rosa.

É esta a *Scripta* 67 que o Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas apresenta a seus leitores, no desejo de que seja um presente.

Ler Rosa é, sim, deixar-se levar por uma leitura infinita.

Essa leitura infinita pode ser metaforizada no fio que tece e borda muitas histórias/ estórias. E o fio fia de leve, apalpando como aranhas em suas teias, a linguagem daqui e dali, na tentativa de alfinetar sentidos (*point de capiton?*), conectando-

os, sem feri-los. Pensando assim, nessa figuração, é que buscamos contemplar também, nesta *Scripta* 67, os bordados que “transformam literatura em fios e texturas”. Estamos falando do Grupo “Teia de Aranha”, criado há 25 e que nos brindou com a imagem da capa desta *Scripta*, imagem que “pinta e borda” o buriti em *Corpo de baile* e *Grande sertão: veredas*, e cuja foto se encontra no livro *O fio de dentro*. A Dr.^a Beth Ziani é a autora do livro e nos traz amostra belíssima do percurso do coletivo “Teia de Aranha”, composto por mulheres que bordam leituras e fazem desse ato um ato de resistência – a ela, Beth e demais mulheres da “Teia de Aranha”, o nosso agradecimento. O fio de dentro sai dos bastidores e se projeta nas cenas literárias, encenações da vida para nos dizer de um movimento infinito. A figura da lemniscata ou nó borromeano, ou banda de Moebius (homenagem à Aracy?) fecha o romance ao mesmo tempo que o abre a cada leitor, cada leitura.

Infinitamente

